

## OPINIÃO



## As encruzilhadas da fiscalidade internacional na actualidade

LUÍS JANEIRO

Co-coordenador do Programa Executivo de Fiscalidade Internacional da Católica Lisbon School of Business & Economics

Perante a existência de um sistema fiscal arcaico e ineficaz, com a adesão à CEE fomos obrigados, nalguns casos, a alterar profundamente as formas de tributação e, noutros, induzidos a introduzir mudanças estruturais noutros impostos. Entrámos, assim, na “modernidade fiscal” europeia, começando a apercebermo-nos da sua complexidade e morosidade. No entanto, demorámos a apercebermo-nos da importância das Convenções sobre Dupla Tributação, só tendo entrado em força nesse domínio na década de 90. Desde então, fomos alargando o número dessas Convenções, seguindo maioritariamente o modelo da OCDE.

Entretanto, o mundo evoluiu, nomeadamente ao nível da área geográfica de atuação das empresas, tendo emergido empresas transnacionais a operar em muitos espaços fiscais através de uma multiplicidade de veículos. Como seria previsível, começaram a multiplicar-se os países e/ou territórios com regimes fiscais “claramente mais favoráveis”, bastante procurados por pessoas singulares e coletivas.

As empresas de países pequenos e periféricos viram-se obrigadas a mudar de “agulha” para estádios mais avançados de internacionalização do que as meras exportações. Portugal é um bom exemplo desse fenómeno, sobretudo em áreas em que a procura interna entrou numa fase moribunda ou fortemente anémica. O conhecimento da Fiscalidade Internacional tornou-se uma exigência para os novos ‘players’ nestes mercados, para além dos que já lá atuavam.

Paralelamente, as autoridades internacionais, nomeadamente a OCDE, foram-se consciencializando das iniquidades fiscais geradas pelo funcionamento das novas organizações internacionais. Daí estarem na ordem do dia expressões como PETS (“(tax) base erosion and profit shifting”), SPE (“special purpose entities”) e preços de transferência. Contudo, é conhecida a lentidão de quaisquer tentativas de alterações fiscais.

Neste contexto, é muito importante que os diversos responsáveis das empresas portuguesas aprofundem temas como a tributação em Portugal de operações internacionais, as implicações fiscais das políticas remuneratórias de colaboradores deslocados, a fiscalidade dos diversos financiamentos internacionais, como lidar fiscalmente com operações de reestruturação internacional ou conceber adequadas estruturas internacionais empresariais. O conhecimento do teor dos acordos de dupla-tributação e das normas comunitárias é crucial.

Estes e outros temas relevantes da Fiscalidade Internacional são a base do novo Programa Executivo de Fiscalidade Internacional que resultou de uma parceria entre a Católica-Lisbon e a Associação Fiscal Portuguesa (AFP). ■



O INSEAD está no top ten mundial das escolas de negócios e é a segunda escola do mundo com mais clientes internacionais segundo o ‘ranking’ do FT da formação de executivos.

## INSEAD organiza fórum mundial em Portugal

A conferência é uma homenagem póstuma a António Borges, que durante sete anos liderou o INSEAD.

Portugal é o destino marcada na agenda de mais de 300 gestores internacionais e alguns dos líderes das maiores multinacionais, no próximo dia 20 de Junho. O INSEAD, que está no ‘top ten’ mundial das escolas de negócios escolheu Sintra para realizar a sua reunião anual: Global Business Leaders Conference. A escolha é uma homenagem póstuma a António Borges, que liderou o INSEAD durante sete anos. A escola de negócios já formou mais de 140 mil executivos de todo o mundo e formou gestores como Horta Osório, Belmiro de Azevedo, Palha da Silva e Paes do Amaral.

Qual o futuro da zona euro? Como financiar o crescimento europeu? Como ultrapassar a falta de talentos? Estas são algumas das questões que estarão na agenda deste fórum que contará com as intervenções dos CEO do Adecco Group e da Ato e do ‘chairman’ da Microsoft Europe, entre muitos outros.

A realização em Portugal da “Global Business Leaders Conference” foi

anunciada durante a entrega dos prémios do Empreendedorismo organizados pela associação de alumni do INSEAD em Portugal, na passada quinta-feira.

A empresa “Wit Software” foi a grande vencedora. Um projecto lançado por Luís Silva, doutorado pela Universidade de Coimbra, e que há 13 anos decidiu lançar a empresa no Instituto Pedro Nunes, a incubadora desta universidade (ver caixa).

“Qualquer empresário passa por momentos em que vacila e perde a motivação. Agora, cada vez que tiver hesitações perante um desafio poderei olhar para a prateleira onde está o este prémio para ganhar nova motivação”, afirmou Luís Silva durante a cerimónia. Surpreendido por ter ganho o CEO da Wit Software não esquece a entrevista exigente a que foi submetido por um júri constituído por Filipe Santos, Soares dos Santos, Artur Santos Silva, Gastão Tavares e Joaquim Paiva Chaves. Já o prémio de empreendedorismo social foi ganho pelo projecto “Saúde a Sorrir”.

### RANKINGS

## 10 milhões

A WIT Software que cria ‘software’ para empresas de telecomunicações foi fundada por Luís Silva, que se tinha acabado de doutorar na Universidade de Coimbra (UC). A companhia nasceu em 2001 no Instituto Pedro Nunes, a incubadora da UC com um grupo de oito ou nove alunos. Hoje tem mais de 200 trabalhadores e facturou no último ano cerca de 10 milhões de euros.

Criado em 2004, este prémio de empreendedorismo do INSEAD oferece aos vencedores a frequência de um Programa de Formação de Executivos no INSEAD, no valor de 10 mil euros.

A Chipidea foi a vencedora da 1ª edição do prémio que se realizou em 2007. Sete anos depois o criador da empresa, José Franca, não esquece que teve que se submeter a um duro interrogatório de uma audiência onde estavam António Borges e Belmiro de Azevedo. Anos depois a sua empresa foi vendida por mais de 100 milhões de dólares a uma multinacional norte-americana.

Agora, o professor catedrático do Instituto Superior Técnico, é responsável pela Portugal Ventures, uma plataforma de ‘venture capital’ que pretende criar um ecossistema empreendedor em Portugal. Como? Apoiando empresas sediadas no país com elevado potencial de crescimento, que possam tornar-se histórias de sucesso numa escala global. ■ M.Q.